



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 24 de Abril de 2002

Solene convite a renovar a Aliança

Queridos irmãos e irmãs,

1. "Tocai a trombeta pelo novo mês, na luz cheia, dia da nossa festa" (*Sl* 81 [80], 4). Estas palavras do Salmo 80, agora proclamado, remetem para uma celebração litúrgica segundo o calendário lunar do antigo Israel. É difícil definir com exactidão a festividade a que o Salmo se refere; é certo que o calendário litúrgico bíblico, embora comece com o fluxo das estações e portanto da natureza, se apresenta firmemente ancorado na história da salvação e, em particular, no principal acontecimento do êxodo da escravidão egípcia, ligado à lua cheia do primeiro mês (cf. *Êx* 12, 2-6; *Lv* 23, 5). Com efeito, foi ali que se revelou o Deus libertador e salvador.

Como afirma poeticamente o versículo 7 desse mesmo Salmo, foi Deus que tirou dos ombros do hebreu escravo no Egipto, a cesta repleta de tijolos, necessários para a construção da cidade de Pitom e Ramsés (cf. *Êx* 1, 11.14). O próprio Deus pôs-se ao lado do povo oprimido e, com o seu poder, tirou e cancelou o sinal amargo da escravidão, a cesta dos tijolos cozidos ao sol, expressão dos trabalhos forçados a que eram obrigados os filhos de Israel.

2. Agora, sigamos a evolução deste cântico da liturgia de Israel. Ele abre-se com um convite à festa, ao cântico, à música: trata-se da convocação oficial da assembleia litúrgica, segundo o antigo preceito do culto, nascido já na terra do Egipto, com a celebração da Páscoa (cf. *Sl* 81 [80], 2-6). Depois deste apelo, ergue-se a voz do próprio Senhor, através do oráculo do sacerdote no templo de Sião, e estas palavras divinas hão-de ocupar todo o resto do Salmo (cf. vv. 6-17).

O tema que se desenvolve é simples e inclui dois pólos ideais. Por um lado, há o dom divino da liberdade que foi oferecida a Israel oprimido e infeliz: "Clamaste na opressão, e Eu libertei-te" (v. 8). Existe uma referência também ao apoio que o Senhor ofereceu a Israel, a caminho no deserto, ou seja, ao dom da água em Meriba, num contexto de dificuldade e de provação.

3. Por outro lado, porém, juntamente com o dom divino, o Salmista introduz outro elemento significativo. A religião bíblica não é um monólogo solitário de Deus, uma sua acção destinada a ficar inerte. Pelo contrário, é um diálogo, uma palavra acompanhada de uma resposta, um gesto de amor que exige adesão. Por isso, reserva-se um amplo espaço aos convites que Deus dirige a Israel.

O Senhor convida, em primeiro lugar, à observância do primeiro mandamento, fundamento de todo o Decálogo, ou seja, a fé no único Senhor e Salvador, e a rejeição dos ídolos (cf. Êx 20, 3-5). O discurso do sacerdote em nome de Deus é cadenciado pelo verbo "escutar", querido ao livro do Deuterónimo, que exprime a adesão obediente à Lei do Sinai e constitui um sinal da resposta de Israel ao dom da liberdade. Com efeito, no nosso Salmo ouve-se repetir: "Escuta, meu povo... Oxalá me ouvisses, Israel! (...) E o meu povo não escutou a minha voz, Israel não quis obedecer-me... Ah, se o meu povo me escutasse! (...)" (vv. 9.12 e 14).

É somente através da fidelidade à escuta e à obediência que o povo pode receber plenamente os dons do Senhor. Infelizmente, é com amargura que Deus deve dar-se conta das numerosas infidelidades de Israel. O caminho no deserto, a que o Salmo faz alusão, está totalmente constelado de tais actos de rebelião e de idolatria, que alcançarão o seu ápice na configuração do bezerro de ouro (cf. Êx 32, 1-4).

4. A última parte do Salmo (cf. vv. 14-17) tem uma tonalidade melancólica. Efectivamente, nele Deus exprime um desejo que até agora não foi satisfeito: "Ah, se o meu povo me escutasse, se Israel andasse pelos meus caminhos!" (v. 14).

Porém, esta melancolia inspira-se no amor e está ligada a um profundo desejo de cumular de bens o povo eleito. Se Israel caminhasse pelas sendas do Senhor, eles poderiam dar imediatamente a vitória sobre os seus inimigos (cf. v. 15) e nutri-lo "com a flor do trigo" e saciá-lo "com o mel do rochedo" (v. 17). Seria um alegre banquete de pão fresquíssimo, acompanhado do mel que parece correr das rochas da terra prometida, representando a prosperidade e o completo bem-estar, como não raro se repete na Bíblia (cf. Dt 6, 3; 11, 9; 26, 9 e 15; 27, 3; e 31, 20). Com a apresentação desta maravilhosa perspectiva, evidentemente o Senhor procura obter a conversão do seu povo, uma resposta de amor sincero e efectivo ao seu amor, mais generoso do que nunca.

Na leitura cristã, a oferta divina revela a sua amplitude. Com efeito, Orígenes oferece-nos esta interpretação: o Senhor "fê-los entrar na terra prometida; não os nutriu com o maná, como no

deserto, mas com a semente que caiu na terra (cf. *Jo* 12, 24-25), que renasceu... Cristo é a semente; Ele é também a rocha que, no deserto, saciou o povo de Israel com a água. Em sentido espiritual, saciou-o com o mel, e não com a água, a fim de que quantos acreditarem e receberem este alimento, sintam o mel na sua boca" (*Homilia sobre o Salmo 80*, n. 17, em: Orígenes-Jerónimo, *74 Homilias sobre o Livro dos Salmos*, Milão 1993, pp. 204-205).

5. Como sempre na história da salvação, a última palavra no contraste entre Deus e o povo pecador nunca é o juízo e o castigo, mas o amor e o perdão. Deus não deseja julgar nem condenar, mas salvar e libertar a humanidade do mal. Ele continua a repetir-nos as palavras que lemos no livro do Profeta Ezequiel: "Porventura sentirei prazer com a morte do injusto... O que eu quero é ele se converta dos seus maus caminhos, e viva (...) Por que motivo deveríeis morrer, casa de Israel? Eu não sinto prazer com a morte de ninguém. Palavra oráculo do Senhor Deus. Converti-vos e tereis a vida" (18, 23 e 31-32).

A liturgia torna-se o lugar privilegiado onde escutar o apelo divino à conversão e voltar ao abraço do Deus "misericordioso e clemente, lento a encolerizar-se, mas cheio de bondade e de fidelidade" (*Êx* 34, 6).

Apelo em favor da Terra Santa

O meu pensamento volta-se sempre para a Basílica da Natividade em Belém, onde a comunidade religiosa e numerosas outras pessoas continuam a padecer o assédio, que já se prolonga há vinte e dois dias. As suas condições, já dramáticas pela falta de água e de alimento, agravaram-se ulteriormente, depois da interrupção das linhas telefónicas. Continuamos a rezar ao Senhor para que finalmente se encontre uma solução para esta situação desumana e, com a colaboração de todos, se chegue à desejada paz nessa Região tão querida ao coração de todos os crentes.

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, cuja romagem se detém hoje junto do túmulo de São Pedro e neste Encontro com o seu Sucessor: Obrigado pela vossa presença e oração! A todos saúdo, confiando à Virgem Maria os vossos corações e os vossos passos para que neles se mantenha viva a luz de Deus. Para vós e vossas famílias, a minha Bênção!

Acolho cordialmente os peregrinos de língua francesa, em particular os grupos de jovens. Que Deus, vindo em seu Filho para salvar e libertar a humanidade do mal, seja a fonte de todos os vossos compromissos de cristãos, para que pondo-vos à escuta da sua Palavra, construís cada

vez com mais ardor o seu Reino de justiça e de paz! De boa vontade concedo a todos a Bênção Apostólica.

Saúdo com afecto os visitantes de língua espanhola, em particular os Catequistas mexicanos, acompanhados por D. Felipe Padilla, Bispo de Tehunatepec. Saúdo ainda os outros peregrinos do México e do Chile. Convido-vos a todos a agradecer ao Senhor a sua infinita misericórdia e o generoso perdão que nos salva. Obrigado.

Sinto-me feliz por saudar os participantes no Simpósio internacional para os Capelães católicos e agentes pastorais da Aviação civil, vindos de vários Países. Caríssimos, os aeroportos constituem encruzilhadas significativas da mobilidade humana; são lugares de encontro de pessoas pertencentes a várias culturas. Desejo que a vossa presença e a vossa missão no interior destas estruturas ofereçam aos que encontrais uma experiência sensível de Cristo.

Dirijo, depois, uma cordial saudação de boas-vindas aos peregrinos italianos. Em particular, saúdo os fiéis de Pistóia, acompanhados do Bispo D. Simone Scatizzi e os numerosos grupos paroquiais, com um pensamento especial para os crismandos da paróquia de São Francisco de Paula, na Linguaglossa. Caríssimos, as vossas comunidades devem estar sempre à escuta das exigências das famílias e dos jovens, oferecendo-lhes ocasiões providenciais de formação cristã. Manifestai aos pobres e aos doentes, com a vossa acção evangélica, a ternura do Pai celeste, que a todos dá amor e paz.

O meu pensamento vai, finalmente, para os *jovens*, os *doentes* e os *novos casais*. Amanhã, a liturgia fará memória de São Marcos evangelista que, formado na escola do divino Mestre, anunciou o Evangelho com incansável ardor. O seu exemplo e a sua intercessão vos encorajem, caros *jovens*, a viver de modo autêntico e coerente a vossa vocação cristã; ajudem-vos, queridos *doentes*, a perseverar na esperança e a oferecer os vossos sofrimentos em união com os de Cristo pela salvação da humanidade; ajudem-vos a vós, amados *novos casais*, no compromisso mútuo de fidelidade e de amor.